

INSUBMISSÃO CRIATIVA – UMA LEITURA DO LIVRO A ESCOLA DE DOMINGAS SAMY

Majda Bojić

Universidade de Zagreb

INTRODUÇÃO

O âmbito teórico a partir do qual se tem refletido, ultimamente, sobre a condição feminina e as questões feministas no contexto africano, toma diversas formas, abrangendo campos e perspectivas diferentes como o feminismo pós-colonial ou a crítica feminista africana. Em princípio, eles salientam a importância de um olhar distinto necessário quando se fala sobre mulheres em contextos sociais, históricos e culturais diferentes. Assim, as teóricas como Chandra Talpade Mohanty criticam a homogeneização da experiência feminina e a produção simplificadora da mulher terceiro-mundista por parte dos feminismos ocidentais que implica a apropriação e a “colonização” das “complexidades e conflitos fundamentais que caracterizam as vidas de mulheres de diferentes classes, religiões, culturas, raças e castas.” (Mohanty, 2003: 19 – tradução nossa) Portanto, é colocado assim, diante das feministas ocidentais, o imperativo de reconhecimento de diferenças e especificidades históricas e geográficas de mulheres de realidades sociais não-ocidentais.

No entanto, um dos interesses principais das linhas críticas e teóricas feministas em geral, diz respeito à perspectiva das mulheres silenciadas, oprimidas e marginalizadas, assim como ao estudo da

articulação discursiva da sua opressão e também de estratégias de resistência, ou seja, de uma resposta feminina.¹ É nesse âmbito reflexivo que se insere o propósito da nossa análise da obra de Domingas Samy – é um estudo da articulação literária de destinos femininos, da subordinação e da resistência feminina.

Quando falamos de resistência, não queremos entrar em debate sobre a questão, a natureza ou a possibilidade de um compromisso literário, nem aprofundar o potencial de militância no interior da obra analisada. Também não queremos desafiar as possibilidades de uma resistência textual. Queremos é destacar e discutir alguns dos pontos importantes para a problematização e a subversão das categorias socialmente e discursivamente construídas assim como aparecem num texto literário. Embora os problemas que tratamos tenham na sua base uma realidade concreta que envolve a figura feminina, nós trabalhamos com as categorias simbólicas da sua reconfiguração.

No âmbito das literaturas africanas de expressão portuguesa, os exemplos de literatura de autoria feminina que poderiam ser relacionados com a noção de resistência discursiva são muitos. Os nomes de Noémia de Sousa e de Alda do Espírito Santo logo se impõem, sendo que as suas poesias representam uma voz feminina acusando os efeitos sofridos do colonialismo.

No entanto, como constata Tânia Macedo (2010), apesar do papel importante que tiveram para os seus países nos tempos antes e depois da independência, as vozes femininas ainda são poucas nas literaturas africanas de expressão portuguesa. As mulheres, explica Macedo

1 Numa das suas entrevistas, a professora Amina Mama, uma das principais ativistas feministas africanas, ressalta o propósito fundamental da noção – O feminismo, diz ela, permanece um termo positivo, ele “sinaliza uma recusa da opressão e um compromisso de luta pela libertação das mulheres contra todas as formas de opressão – interna, externa, psicológica e emocional, socio-económica, política e filosófica.” (Mama, 2001: 59 – tradução nossa)

(2010), “possuem ainda um papel subalterno, socialmente falado, nas sociedades africanas, e, conseqüentemente, é restrito o seu acesso à educação”. Ainda por cima, a pouca visibilidade da produção escrita feminina, levaria muitas vezes ao seu silenciamento.

A noção de silenciamento da voz feminina com certeza não condiz com as narrativas de duas autoras dos tempos após as independências dos países africanos de língua portuguesa que, através de uma visão feminina oferecem uma perspectiva particular. São Paulina Chiziane e Domingas Samy, que nas suas obras apresentam uma crítica da sociedade patriarcal, de costumes tradicionais e da poligamia revelando também outros problemas que acometem a mulher na sociedade tradicional e moderna. A problematização presente nas suas obras acontece nas interseções de gênero, raça, classe, etnicidade, religião e tradição. Como afirma Elleke Boehmer (227 – tradução nossa), “muitas escritoras pós-coloniais estão preocupadas em trazer à tona as texturas específicas de sua própria existência”. Esta afirmação parece-nos justa em relação às escritoras das literaturas de expressão portuguesa. Tanto Chiziane como a escritora guineense, Domingas Samy, oferecem um ponto de vista crítico por meio da tematização da experiência da repressão da mulher no interior de uma realidade social concreta. Seja o foco do olhar crítico centrado na sociedade tradicional ou moderna, as obras das autoras podem ser consideradas enquanto uma articulação das perspectivas (“histórias”) das mulheres silenciadas e oprimidas. Nestas obras encontramos, no seio do espaço figurativo, os momentos da resistência feminina.

DESTINOS FEMININOS – TEMAS, CRÍTICA

E CONSCIENCIALIZAÇÃO

A coletânea de contos *A escola*, de Domingas Barbosa Mendes Samy, foi publicada em 1993 e é “o primeiro livro de ficção propriamente dita da Guiné Bissau” (Auguel, 2001: 50). A importância do livro

é, consideramos nós, ainda maior quando pensamos em temas que este trata e nos problemas que desvenda. Os três contos que fazem o livro, “A escola”, “Maimuna” e “O destino”, constroem as suas tramas acerca dos destinos femininos da sociedade guineense. O conto que abre o livro e lhe dá o título apresenta diferentes figuras femininas, mães e filhas, enfrentando dificuldades e obstáculos que as cercam, tomando posições na procura do melhor caminho na vida. Não tendo uma figura central ou enredo único, o texto é construído como uma rede de fios que se entrecruzam: são os destinos de figuras como Nha Aurélia e Nha Santa, mulheres abandonadas que se esforçam para criar os seus filhos de melhor modo possível ou de Maria Sábado e Nena, que representam a juventude que passa pelos desafios da vida moderna. O mundo onde circulam essas figuras é um “oceano cheio de espinhos” (Samy, 1993: 22), mas também de aprendizagem, onde as pessoas, na maioria das vezes, têm uma oportunidade de transformação.

O segundo conto enquadra-se num âmbito mais tradicional. A ação gira em torno da figura principal, Maimuna, que quer casar-se com o homem que ama, enfrentando assim a vontade do seu pai. Aborda-se aqui o problema do casamento arranjado. Maimuna, reclamando o direito da escolha própria, colide não só contra a vontade paterna, mas também contra a de toda a família, a sua tradição e os modos paternalistas do seu funcionamento. Evoca-se assim a crueldade de certas práticas tradicionais em relação às mulheres.

O enredo do terceiro conto, “O destino”, situa-se na época do colonialismo. Como o próprio título sugere, entrelaçam-se aqui destinos de vários membros da sociedade colonial, enfrentando desafios que se colocam não só perante as mulheres, como também perante os homens. O amor que, de novo, está no centro da história, encontra entraves devido à discriminação social com base no racismo e na diferença de classe.

A respeito da literatura pós-colonial, Gina Wisker afirma que

a resistência na expressão literária aparece de várias formas: ela reconstrói a história pelo olhar do Outro, ignorado e silenciado; recorre às modalidades expressivas estabelecidas ou desenvolvidas a partir das formas autóctonas tradicionais que também foram silenciadas ou marginalizadas; vira-se aos temas até então desconhecidos, como também à escrita que provém da perspectiva das pessoas cuja vida foi apagada, ignorada ou escondida pela história, e também àquela escrita na sua língua. (Wisker, 2010: 118 – tradução nossa)

Nesse aspeto, Wisker considera que a resistência pós-colonial tem muito em comum com a literatura feminina e os discursos feministas que evocam temas e perspectivas das mulheres. (Wisker, 2010: 118-119).

De facto, a necessidade de recuperar e de reconstruir a história e a perspectiva do Outro foi sempre ressaltada pelas teorias como a pós-colonial e a feminista, preocupadas com a condição dos marginalizados. A esta necessidade junta-se a de denunciar e criticar os mecanismos da opressão.² No que concerne ao nosso estudo, focado principalmente na experiência feminina, interessados sempre na ideia da resistência na expressão literária, principiamos a nossa análise considerando esses aspetos dentro da obra estudada.

O “desejo de falar”, ou seja, a necessidade de evocar ficcionalmente temas ligados ao mundo feminino a partir da perspectiva da

2 O pós-colonialismo, como também o feminismo, revela um grande interesse pela questão da “marginalização e a construção de subjetividade ‘subalterna’ ou subordinada, efetuada pelo colonialismo e/ou o sistema patriarcal.” (Gamble, 2001: 297 – tradução nossa) Nesse sentido, as duas teorias estão de acordo quanto à necessidade de “desmascarar as estruturas de dominação”. (Gamble, 2001: 298)

mulher, é algo que parece inerente aos contos de Samy, onde são abordados problemas que afetam a mulher inserida em contextos socio-culturais diferentes. Assim, dentro do âmbito de uma sociedade afetada pelas transformações da modernidade, são tratadas histórias de mulheres que enfrentam a prostituição, o aborto, a sida, a gravidez precoce e o abandono por parte do marido. Noutro momento, é perscrutada a posição da mulher numa sociedade tradicional marcada pela autoridade patriarcal, a prática do casamento arranjado e a poligamia. Os temas do casamento e do relacionamento entre homem e mulher estão presentes na totalidade da obra.

O tratamento destas questões a partir de uma perspectiva feminina já pode ser vista como uma forma de resistência textual. No entanto, esta noção ganha uma pertinência ainda maior quando pensamos no poder do texto de prover uma crítica. Nesse aspeto, encontramos no texto mazelas diferentes que afetam as mulheres. Colocando as personagens em situações difíceis como a de abandono e falta de sustento, mostra-se o lado negativo e sofredor do destino feminino dentro do casamento e da sociedade. São essas personagens femininas as verdadeiras agentes da resistência feminina, vociferando contra a situação do abandono:

Então, ele enganava-me todo esse tempo e eu feita burra acreditava nas suas histórias. Nós mulheres somos mesmo fáceis de enganar quando amamos uma pessoa. O que me dói mais é ser tratada todo esse tempo feita escrava, só sirvo para trabalhar, enquanto que a outra é senhora de um palácio. (Samy, 1993: 8-9)

Assim se queixa Nha Aurélia do conto “A escola”, enquanto, mais tarde na narrativa, a jovem Cristina toca de novo no tema: “Queres que eu acabe como tantas mulheres aí abandonadas? Ou como minha mãe que, assim que meu pai conseguiu um bom emprego

nas Finanças e subiu na vida, arranjou logo outra, moderna e apresentável como ele mesmo diz? Abandonou minha mãe com quatro filhos pequenos.” (Samy, 1993: 21) Cristina continua a ressaltar a posição da sua mãe, que se sacrifica pelas crianças, motivo aliás amplamente tratado no terceiro conto: “Ainda hoje, mamã continua dando no duro para nos sustentar e pagar os nossos estudos.” (Samy, 1993: 21)

No segundo conto, “Maimuna”, o olhar crítico é lançado em especial contra a posição feminina dentro de uma sociedade tradicional onde a ordem normativa coloca a mulher num lugar inferior. A personagem principal recusa-se a ser “escrava de marido como a minha mãe, as minhas madrastas e irmãs” (Samy, 1993: 25), enfrentando uma atitude preconceituosa contra a mulher que considera que o “lugar da mulher é em casa” (Samy, 1993: 26).

O enredo do terceiro conto, que se situa dentro de uma sociedade colonial, segue o destino de Anazinha, criada negra, seduzida e depois abandonada por João, filho branco dos donos da casa onde ela trabalha. Anazinha dedica a sua vida ao filho ilegítimo que se torna um advogado exímio. No final do conto, é este filho que apresenta a crítica mais acerba da sorte que coube à sua mãe. Recusando, na festa organizada em sua honra, a oferta tardia do pai de reconhecê-lo, ele declara: “(...) agradeço muito as palavras e a gratidão do senhor João em querer reconhecer-me como seu filho. Filho esse, que outrora andara nas ruas em trapos, que ia esfomeado para a escola de manhã, filho cuja mãe sustentou, vestiu, fez dele homem à custa de sacrifício.” (Samy, 1993: 78)

A denúncia da difícil condição feminina, fruto de discriminação racial e de classe social, nem sempre provém de uma boca feminina. Assim também, num outro momento do conto, a denúncia dos maus tratos que Anazinha sofreu na casa onde trabalhou vem do pai da família dirigindo-se a sua esposa: “Essa menina está cá há quase

nove anos, nós não lhe pagamos nada, nem sequer uma gratificação lhe damos e tu não a deixaste continuar a escola alegando que não haveria ninguém para fazer trabalhos em casa, (...).” (Samy, 1993: 47) Menciona-se aqui o motivo frequente do livro *A escola*, representado muitas vezes como a única saída para os grupos desfavorecidos da sociedade. Nesse sentido, é preciso notar que, se por um lado o texto oferece uma crítica forte da posição inferior feminina, por outro, ele revela modos da sua superação. Portanto, a noção de estratégias de resistência feminina poderia ser pensada em relação aos modos de valorização dos caminhos que levam à desejada emancipação feminina. A solução para o problema da emancipação já se encontra assinalada no próprio título do livro – a escola. Ressalta-se assim muitas vezes no texto, e de modo explícito, a importância da educação para o futuro melhor. A educação apresenta-se como garantia de uma vida melhor, de “boa comida, boa casa”, como diz Nha Santa ao seu filho. (Samy, 1993: 15) A escola é um caminho para a família abandonada pelo pai. Em relação aos filhos de Nha Santa, lê-se no primeiro conto: “Todos eles, apesar de dificuldades, davam boa conta do recado nos estudos, talvez quisessem provar ao pai e a eles mesmos que com ou em ajuda do pai podiam prosperar na vida.” (Samy, 1993: 15-16) Mas uma noção clara do valor da instrução para a emancipação feminina é passada no segundo conto, quando Maimuna expressa a sua vontade de ir para escola: “Às vezes chego a duvidar se será possível um dia realizar o meu sonho: Se poderei ser enfermeira, cuidar dos doentes, sentir-me útil à sociedade e não escrava do marido como a minha mãe, as minhas madrastras e irmãs.” (Samy, 1993: 25)

A importância da escola para as personagens femininas (e também para as masculinas) não é só proferida explicitamente no texto. A ideia do valor da educação está implícita no desdobramento dos destinos individuais, levados, mediante a educação, para o futuro

melhor. Assim, o conto “Maimuna” termina com um final feliz – depois de estudos, os namorados Maimuna e Jorge, fugidos para evitar o casamento arranjado, “vivem felizes numa espaçosa casa” (Samy, 1993: 36) e trabalham no hospital. Por seu turno, o pai sente-se envergonhado “por se ter enganado a respeito de Jorge” (Samy, 1993: 36).

Os contos de Domingas Samy tematizam e refletem sobre os destinos femininos marcados por problemas que enfrentam e as soluções que encontram. Por conseguinte, eles trazem em si, também, uma ideia de consciencialização. As ações fundamentam-se em posições claramente expostas e as suas consequências são relatadas. A importância da compreensão do outro é igualmente sugerida no texto. No final da discussão com Maria Sábado, a jovem que quer aproveitar a vida curta, Cristina, dada, pelo contrário, aos livros, conclui: “– Não tens nada de que te desculpar, Maria Sábado, eu compreendo-te, por isso não te condeno em nada.” (Samy, 1993: 22). É de salientar, a respeito, um tom didático presente na obra. Como acrescenta Moema Parente Augel:

Essa intenção pedagógica de convencer a partir de episódios que se pretendem realistas, separando com método o bem e o mal e concretizando-os através de exemplares lições de moral, admoestando tacitamente contra o errado e incentivando a trilhar o bom caminho através da exaltação das virtudes, está, com efeito, disseminada ao longo de todos os três textos que Domingas Samy apresenta ao público guineense. (Augel, 2001: 53)

Augel, no entanto, acrescenta que as histórias de Samy “prendem do começo ao fim a atenção do leitor”. (Augel, 2001: 53) De facto, não podemos negar a força literária do texto, a perceptividade, a vivacidade e a imagética sugestiva.

MODELOS ESSENCIALISTAS: ESTEREÓTIPOS E BINARISMO

Dentro da crítica feminista (como também na crítica pós-colonial), o estudo de representação sempre teve um papel central. E não raramente, tomava forma de análise de estereótipos enquanto instrumentos de subjugação. Uma forma de essencialismo – os estereótipos são um modo de reduzir a existência do outro a determinadas características inatas e imutáveis. Foram uma estratégia colonial que viabilizava a manipulação e assegurava o poder sobre os povos oprimidos, e também são considerados uma estratégia da dominação sobre o sexo feminino.³

Nos contos de Samy, a crítica da posição social feminina também se vira contra os estereótipos, ou seja, contra a imagem estereotipada da figura feminina. Nesse sentido, encontramos, no texto, preconceitos e imagens petrificadas do essencialismo, especialmente aqueles que dizem respeito à posição da mulher na sociedade e em especial em relação ao homem. O grito contra essas imagens redutivas que talvez mais ressoa, aparece no segundo conto, quando a personagem principal, Maimuna, ardendo de vontade de ir para escola, confia ao seu namorado:

– Mas aquele cabeça-dura do velho e as minhas irmãs que não me compreendem, elas acham que a escola é para os homens, e que o lugar da mulher é em casa; cuidar da casa, dos filhos, de bolanha e de comida para a grande família. O que eu acho incrível é que, segundo elas, eu estou no caminho errado; as mulheres devem ser obedientes, submissas para com os seus maridos, respeitá-los e adorá-los como a um Deus. (Samy, 1993: 25-26)

3 Os estereótipos, diz Ruth Robbins, “apresentam-se como imutáveis e constantes, não-obstante o contexto histórico ou geográfico, a classe ou a cultura; aceitá-los, significa torná-los verdades intocáveis; desse modo, são fixados e colocados além do alcance de uma crítica que exige transformação como parte do seu plano político.” (Robbins, 2000: 220 – tradução nossa)

Revela-se aqui a ideia generalizada e redutora que se atribui à mulher. O seu círculo de atuação é relegado ao espaço privado da casa e o seu papel é previamente definido – cuidar da família. O estereótipo aqui é sublinhado no seu aspeto de subjugação; as mulheres devem ser “obedientes” e “submissas”, ou seja, qualquer desejo ou vontade própria é um sonho impossível. Portanto, para tomar o rumo da emancipação, a figura feminina teria que desafiar não só o estereótipo do seu “lugar”, senão também aquele que impossibilita qualquer direito de pensar sobre o destino próprio.

O próprio namorado de Maimuna revela uma atitude preconceituosa sobre as mulheres. Ao saber da ameaça de perdê-la, ele responde ao irmão dela, preocupado com a cara triste do namorado: “- Oh não, meu amiguinho, eu sou homem, claro que não vou ficar triste, essas coisas são mesmo para as mulheres.” (Samy, 1993: 30)

No terceiro conto, a problematização do papel feminino está inserida no contexto mais amplo da discriminação com base na diferença racial e de classe social. Assim, quando Sr. Luis volta de Portugal trazendo um presente, um par de sapatos para Anazinha, a sua esposa, que não pode esconder uma atitude preconceituosa, toma os sapatos para si, explicando que a classe social da menina não convém com o uso de sapatos de salto: “- Desde quando aquela gentia ordinária sabe andar com sapatos de salto.” O marido responde de modo que deixa o estereótipo sem sustento: “-Ninguém nasce sábio, e se ela não sabe andar com sapatos é porque ela não os tinha.”⁴ (Samy, 1993: 46)

O papel de desmascaramento do pensamento essencialista, também é conferido à Nandinha, uma das personagens centrais do terceiro

4 Esta citação parece ecoar a famosa frase do livro “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (On ne naît pas femme: on le devient.), frase que defende a ideia de que o feminino é uma construção social, um produto da civilização. (Beauvoir, 1949: 285)

conto. Quando revela aos pais a sua decisão de casar com Albertinho, rapaz negro que antes fazia trabalhos de criado de casa, encontra-se obrigada a defender a sua escolha com palavras que reclamam a igualdade de pessoas: “Ninguém nasce criado. Todos nascemos e morremos da mesma maneira.” (Samy, 1993: 66) Destaca-se assim, de novo, a fragilidade dos preconceitos enquanto construções sociais que pretendem ter o caráter do inato e do fixo.

O ensinamento sobre a natureza reducionista do pensamento essencialista também se encontra no primeiro conto, quando Maria Sábado defende que Cristina não pode viver sempre sozinha e que um dia vai “sentir necessidade de um companheiro, de um marido.” (Samy, 1993: 21) A Cristina, que “odeia todos os homens”, como ela diz, por causa da sua experiência (já viu muitas mulheres abandonadas) “não quer aturar a infidelidade de ninguém.” (Samy, 1993: 22) Maria Sábado, por mais que passou pela experiência parecida, retorna: “não podes julgar todos os homens, porque nem todos são como o teu pai.” (Samy, 1993: 22) Notamos que está presente aqui uma alusão ao modo de criação de uma atitude preconceituosa assente em processos de generalização.

Conforme foi visto acima na nossa análise, as referências no texto de Samy que dizem respeito às imagens estereotipadas, não se referem somente às mulheres, senão também aos homens, evitando-se assim uma repetição da divisão essencialista. Nesse sentido, daremos agora atenção a outro mecanismo discursivo de opressão, que ganha a sua força a partir da criação de relações binárias. No livro que trata em grande parte sobre as formas da resistência pós-colonial, Bill Ashcroft afirma “O aspeto mais resistente do controlo colonial tem sido a sua capacidade de prender o colonizado num mito binário.” (Ashcroft, 2001: 21 – tradução nossa) Trata-se duma distinção clara entre o colonizador e o colonizado, civilizado e não civilizado, branco e preto – divisão destinada a viabilizar e justificar a exploração econó-

mica e política. Contudo, pensando sobre as estratégias de contrariar o binarismo, Ashcroft adverte sobre o perigo de uma resistência que reside num ato de simples oposição: “O problema com a resistência surge no momento quando é vista como uma simples oposição, o que a restringe a um dualismo binário construído por Europa para definir os seus outros.” (2001: 13 – tradução nossa) Trata-se de uma estratégia de inversão que não possibilita a crítica do próprio mecanismo que cria a relação de oposição.

Os contos de Samy diluem as margens rígidas de uma divisão binária. A ausência de um dualismo reducionista pode ser vista especialmente na relação entre brancos e negros como também entre mulher e homem. Augel assim repara, em relação à descrição da sociedade colonial no terceiro conto e em relação as personagens: “a autora não lhes empresta um comportamento estereotipado. Não se repete aqui o velho esquema segundo o qual os brancos são todos maus e sem caráter, os pretos são sempre nobres e bons.” (Augel, 52) A divisão entre homens e mulheres, julgamos nós, também não é tão rígida. Nem sempre as figuras femininas são boas e nem sempre o seu lugar é destinado a ser passivo.

O pensamento binário não admite gradação nem multiplicidade. No pensamento moldado segundo as categorias binárias, “a diferença é definida em termos oposicionais”, afirma Collins. (2000: 70 – tradução nossa) A relação entre as categorias é aquela da oposição. As tramas desenvolvidas nos contos de Samy perturbam as divisões em questões de raça, gênero ou classe. O amor rompe as barreiras de preconceitos de raça e classe; as mulheres se dedicam ao estudo e os homens chegam a cuidar de afazeres domésticos.

São variadas as formas de contrariar uma versão simplista de representação. Observa-se assim que os contos de Samy apresentam figuras femininas em diferentes meios sociais e culturais, assim como no lugar de papéis diferentes (mãe, filha, esposa, namorada). Para

voltar ao pensamento inicial do nosso trabalho, esse tipo de elaboração textual, assente na construção e análise dos papéis variados que as mulheres assumem, condiz com as ideias do feminismo pós-colonial que reclama um reconhecimento da variedade de identidades femininas. Deste modo, Chandra Talpade Mohanty adverte sobre a importância da consciência da complexidade do mundo feminino: “As mulheres são constituídas como mulheres através da interação complexa entre classe, cultura, religião e outras instituições e quadros ideológicos”. (2003: 30 – tradução nossa) As formulações simplistas acerca de sujeito feminino, como aquelas que definem o sujeito feminino de acordo com a sua identidade de gênero, “são historicamente redutivas; também são inefetivas quando é preciso definir estratégias para combater opressões. Elas somente reforçam as divisões binárias entre homens e mulheres.” (2003: 31 – tradução nossa)

OBSERVAÇÕES FINAIS

Os contos de Domingas Samy abordam temas da condição feminina situadas numa sociedade em via de transformação. Dentro do quadro marcado pelo confronto entre a tradição e a modernidade a autora observa e torna visíveis as questões levantadas pelos grupos injustiçados. Com efeito, estes contos levam a ideia de resistência no seu âmago. O texto problematiza o funcionamento do discurso preconceituoso, machista e patriarcal e também os mecanismos responsáveis pela criação da opressão feminina. Os contos de Samy tomam o papel de desmascaramento das estratégias que legitimam o funcionamento social que cria hierarquias mostrando-as como naturais, fixas e universais. Estes textos mostram que não tem nada de “natural” no modo como as mulheres são tratadas. Incitando ao questionamento, eles fazem com que o leitor se depare com os desafios da condição feminina e que a discriminação de mulheres deixa de ser tomada como algo natural, lógico e eterno.

REFERÊNCIAS

- ASHCROFT, Bill (2001). *Post-colonial Transformation*. London/New York: Routledge.
- AUGEL, Moema Parente (2001). “Ficção ou profecia? Aspectos da prosa contemporânea na Guiné Bissau”. *Revista de Filologia Românica*, Madrid, Anexo II, p. 49-83.
- BEAUVOIR, Simone de (1949). *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard.
- BOEHMER, Elleke (1995). *Colonial and postcolonial literature*. Oxford/New York: Oxford University Press.
- COLLINS, Patricia Hill (2000). *Black feminist thought*. London/New York: Routledge.
- GAMBLE, Sarah (2001). “Postcolonialism”. In: Gamble, Sarah (ed.) *The Routledge Companion to Feminism and Postfeminism*. London/New York: Routledge, p. 297-298.
- MACEDO, Tania (2010). “Da voz quase silenciada à consciência da subalteridade: a literatura de autoria feminina em países africanos de língua oficial portuguesa”. *Mulemba*, n.2, Rio de Janeiro. Disponível em: http://setorlitafrica.lettras.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo_2_1.php [consultado em 25 de janeiro de 2016].
- MAMA, Amina; SALO, Elaine (2001). “Talking about feminism in Africa”. *Agenda*, n.50 (African Feminisms One), p. 58-63.
- MOHANTY, Chandra Talpade (2003). “Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses.” In: *Feminism without borders. Decolonizing Theory, Practicing Solidarity*. Durham/London: Duke University Press, p. 17-42.
- ROBBINS, Ruth (2000). *Literary feminisms*. London: Macmillan.
- SAMY, Domingas Barbosa Mendes (1993). *A escola*. Bissau: Edição da autora.
- WISKER, Gina (2010). “Postkolonijalni diskurs” In: Wisker, Gina (2010) *Ključni pojmovi postkolonijalne književnosti*. Trad. Predrag Raos. Zagreb: AGM, p. 118-122.

ABSTRACT

Feminist theory and criticism show great interest for the perspectives of silenced, oppressed and marginalized women as well as for the study of the discursive articulation of the oppression and the strategies of feminine resistance. This is the reflexive context of our analysis of the work *A escola* by Domingas Samy – it is a study of a literary articulation of women's lives and experiences, their subordination and resistance. Also we intend to emphasize the aspects of textual problematization of questions related to women, giving special attention to the essentialist models of the construction of meaning.

Keywords: *A escola*, Domingas Samy, resistance, representation, stereotypes, feminism.

RESUMO

A ideia que subjaz a este nosso trabalho surgiu como fruto do interesse da teoria e da crítica feministas pelas perspectivas das mulheres silenciadas, oprimidas e marginalizadas – interesse que abrange também o estudo da articulação discursiva da sua opressão e das estratégias de resistência feminina. É nesse âmbito reflexivo que se insere o propósito da nossa análise da obra de Domingas Samy, a partir da qual se procura fazer um estudo da articulação literária de destinos femininos, da subordinação e da resistência feminina. Pretendemos ainda destacar os aspetos de problematização textual concentrada em torno do mundo feminino, com ênfase para os mecanismos discursivos essencialistas.

Palavras-chave: *A escola*, Domingas Samy, resistência, representação, estereótipos, feminismo.